

CORPO + ESCRITA = PENSAMENTO

BODY + WRITING = THINKING

Yara Maria de Carvalho; Valéria Monteiro Mendes

Universidade de São Paulo

RESUMO:

Sentimos necessidade de nos expressar a fim de dar sentido às nossas relações com os estudantes, com os colegas das universidades, com os profissionais da saúde, da educação e das artes, com as políticas de saúde, com as políticas afirmativas, e ainda com o que nos cerca e faz existir essas relações. Pensar a respeito das relações e cultuá-las exige também a sistematização das nossas ações. Se ler e escrever andam juntos, investir na leitura e na escrita para nos colocarmos e nos posicionarmos diante do que nos acontece faz toda a diferença. A escrita pode nos ajudar a pensar como pensamos e fazemos a vida. A escrita produz uma perspectiva diferente e nos desloca frente às relações. Num ato de metacognição nos tornamos leitores de nós mesmos. O convite: apostarmos nas experiências que nos fazem inventar e criar e, assim, experimentar também a dimensão lúdica do pensamento.

Palavras-chave: corpo; escrita; pensamento.

ABSTRACT:

We felt need to express us in order to give sense to our relationships with the students, with the friends of the universities, with the health, education and arts professionals, with the policies of health, with the affirmative policies, and still with what around us and makes to exist these relationships. To think about the relationships and cultuá-las also demands the systemization of our actions. If reads and writes has been together, to invest in the reading and in the writing to put ourselves and to get into position faced with what happens us makes all the difference. The writing can help us to think how we thinking and making the life. The writing produces a different perspective and move us to the relationships. In a metacognition action we became the readers of us. The invitation: guess in the experiences that they make to invent and create and, like this, experiment also the ludic dimension of the thinking.

Key-words: body; writing; thinking

Ler e escrever... vamos fazer uma experiência?

Eu escrevo quando estou inspirado e faço com que esteja inspirado todas as manhãs às 9 horas (Peter De Vries, s-d).

Para escrever este ensaio, selecionei alguns livros e artigos e os coloquei na minha mesa de trabalho. São autores e ideias que me ajudam a pensar sobre o desafio de propor a leitura e a escrita em tempos tão pouco propícios para esse tipo de prática. Lemos e escrevemos muito pouco. E relendo um dos textos de Jorge Larrosa Bondía¹ sobre a experiência²... defini o título para esta introdução: um convite para uma experiência!!! Penso que pode ser interessante nos lançarmos para esse desafio com os argumentos de Bondía... a favor da experiência...

A experiência é “o que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 2), o que nos mobiliza, o que nos tira o fôlego. Não é o que acontece... E a dificuldade é que tudo está organizado para que nada nos aconteça. Muitos professores, pesquisadores, compositores, poetas, profissionais da saúde, repentistas e artistas têm se atido a essa questão buscando chamar nossa atenção para o modo como nos submetemos às relações.

E aqui citamos Arnaldo Antunes, poeta, músico, compositor, artista visual e integrante de uma geração de artistas do contemporâneo que nos ajuda a analisar nossas relações por meio de diferentes linguagens artísticas. De sua vasta produção, partilhamos a canção “Socorro”, pois por meio dela podemos pensar sobre os efeitos do impositivo e normativo sobre nossos corpos, nossas relações e nossos afetos:

Socorro

Arnaldo Antunes

Socorro

Não estou sentindo nada
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir

Socorro

Alguma alma, mesmo que penada
Me empreste suas penas
Já não sinto amor, nem dor
Já não sinto nada

Socorro, alguém me dê um coração
Que esse já não bate nem apanha
Por favor!
Uma emoção pequena, qualquer coisa!

Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos

Deve ter algum que sirva
Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos
Deve ter algum que sirva

Socorro
Alguma rua que me dê sentido
Em qualquer cruzamento
Acostamento, encruzilhada
Socorro! Eu já não sinto nada

Socorro
Não estou sentindo nada (nada, nada)
Nem medo, nem calor, nem fogo
Nem vontade de chorar
Nem de rir

Socorro
Alguma alma mesmo que penada
Me empreste suas penas
Eu já não sinto amor, nem dor
Já não sinto nada

Socorro, alguém me dê um coração
Que esse já não bate nem apanha
Por favor!
Uma emoção pequena, qualquer coisa!

Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos
Deve ter algum que sirva
Qualquer coisa que se sinta
Tem tantos sentimentos
Deve ter algum que sirva

E os motivos, ou as causas que produzem certa condição de apatia, de distanciamento e de preguiça para acessar nossos processos criativos têm a ver, de acordo com Bondía, com os excessos: “excesso de informação”, que “não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência” (BONDÍA, 2002: 2); “excesso de opinião” (p.3), que reduz em estar “a favor ou contra” (p.4); “excesso de trabalho” (p.4), o trabalho cada vez mais nos distancia da experiência porque ele nos sufoca, nos aprisiona e, muitas vezes, padroniza nossos movimentos, nossos deslocamentos e nossas combinações. A lógica produtivista orienta, por exemplo, nossas formas de conduzir e interagir com o trabalho. E porque não podemos parar, “nada nos acontece”; mas há também a “falta de tempo” (p.4): tudo é veloz, passa depressa e são pou-

cos os momentos com os quais nos conectamos com os acontecimentos, com o que nos importa, ou ainda com as relações que nos instigam a experimentar.

Ler e escrever nos ajuda a parar!!! E quando paramos vemos, olhamos, ouvimos, escutamos, pensamos sobre o que pensamos e nos sentimos e cultivamos a atenção, o cuidado, a delicadeza, o silêncio...

Quem é o sujeito da experiência?

Segundo Bondía, seria aquele que se coloca como um “território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (...) um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (BONDÍA, 2002: 5). O sujeito da experiência é aquele que se expõe “com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e risco” (p. 6). E, assim, o autor nos provoca e nos convoca a pensar a fim de abrirmos espaços para as experiências do ler e escrever.

O propósito deste ensaio é também fazer provocações – aos leitores, professores, gestores, pesquisadores e a todos aqueles que se veem diante do desafio de pensar a respeito do que fazem, especialmente no cotidiano do estudo e do trabalho – a respeito do ler e escrever, ou dos modos de organizar, sistematizar, documentar e valorizar suas experiências com as leituras e as escritas. Ler e escrever nos ajuda a perceber e a qualificar nossas experiências de modo mais comprometido, digamos assim, para com aqueles que partilham conosco seus tempos e seus afetos.

E estou escrevendo este ensaio lendo e escrevendo. Desse modo, o leitor será remetido aos textos/autores que estão sob minha mira e, em seguida, para as provocações que eles elaboraram a respeito do pensamento, da palavra, da leitura e da escrita, “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’ (...), mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (Bondía, entrevista de 2013) e esse sentido, de acordo com o autor, tem a ver com as palavras.

Pensar...

Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o

novo, o que está em vias de se fazer (Deleuze, 1992, p.132).

Andaremos neste novo tempo do texto com outro autor, também interessante, e que pensa diferente... E traremos este filósofo porque, de outro modo ele nos arranca das zonas de conforto e nos “encanta”. Morreu em 1995 e escreveu muito, artigos e livros, e leu muito mais: Gilles Deleuze.

Para o filósofo, o “pensamento não vem de dentro, mas tampouco espera do mundo exterior a ocasião para acontecer”. Ele vem do que está fora e a ele retorna: “Se hoje em dia o pensamento anda mal é porque, sob o nome de modernismo, há um retorno às abstrações, reencontra-se o problema das origens (...) De pronto são bloqueadas todas as análises em termos de movimentos, de vetores” (Deleuze, 1992: 119).

Para Deleuze, o que importa é o que se passa “entre”, ou como seguir os fluxos e os ritmos... e ele usa o movimento e os esportes para desenvolver sua noção de “pensamento”:

Os movimentos mudam, no nível dos esportes e dos costumes. Por muito tempo viveu-se baseado numa concepção energética do movimento: há um ponto de apoio, ou então se é fonte de um movimento. Correr, lançar um peso, etc.: é esforço, resistência, com um ponto de origem, uma alavanca. Ora, hoje se vê que o movimento se define cada vez menos a partir de um ponto de alavanca. Todos os novos esportes – surfe, windsurfe, asa delta – são do tipo: inserção numa onda preexistente. Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço (Deleuze, 1992: 151).

O filósofo está nos chamando a atenção para observarmos o movimento, aqui com algumas modalidades esportivas, a fim de percebermos onde ele acontece e como acontece. Deixar o pensamento seguir para além do que aprendemos nos nossos cursos de formação. Enfrentar a dificuldade em romper com um padrão de pensamento que tem a ver com a ideia de não interrogarmos os “valores eternos” e das verdades inabaláveis que bloqueiam e impedem o movimento do pensamento.

Precisamos aprender com o movimento... movimentando o corpo, movimentando o pensamento... Pensamos com o corpo. Precisamos do corpo para pensar. Cada gesto produz pensamento. Muitas vezes não pensamos sobre nossos movimentos, mas todo movimento fabrica pensamento. Os dançarinos, os ginastas, os esportistas, as crianças e os jovens nas aulas de educação física, os músicos, os capoeiristas... e

todos nós... estamos transitando entre estados de movimento e repouso e, assim, fabricando sentidos e modos de existir.

Sim, pensamos com o corpo! E aqui nos encontramos com Bento de Espinosa, considerado por Deleuze e Guattari como o Príncipe dos Filósofos³. E disso nos encontramos com o “corpo espinosano”, entendido como um corpo em relação que está conectado com tudo e com todos, pois para Espinosa tudo é corpo – coisas e viventes.

Se eu proponho um gesto, uma técnica corporal, ao mesmo tempo disparo um pensamento com essa experiência. Eu posso não falar nada sobre isso enquanto exponho o gesto. Eu posso não saber como tudo isso funciona. Mas movimento e pensamento são o mesmo de diferentes modos. Cada gesto aciona e conversa com uma ou com infinitas ideias. Disso decorre que quando estamos fazendo uma prática corporal estamos produzindo ideias e afetos. E, nesse sentido, o movimento é pensamento, ele instiga a nossa condição de pensar sobre o que pensamos com o que experimentamos nos nossos corpos.

Se os filósofos estão se atendo ao movimento para pensar outros modos de conduzir e fazer a vida, cabe analisarmos em que medida temos em no nosso cotidiano de estudo e trabalho as condições propícias para transformarmos o que, aparentemente, é passatempo em objeto de reflexão e de mudança no modo de pensar e propor os conteúdos e as dinâmicas das aulas, por exemplo. Nos atermos aos coletivos para reinventarmos nossos modos de relação na universidade com todos os saberes e práticas com todos os corpos. E, efetivamente, acolher os efeitos e as implicações desses encontros à medida que eles se estendem para outras dimensões da vida e retornam para qualificar os encontros.

E por que não escrever sobre esses processos?

Entrar e ir no fluxo, ir no ritmo do que nos acontece...

Entrar e ir no fluxo, ir no ritmo do pensamento...

Entrar e ir no fluxo, ir no ritmo do movimento...

Entrar e ir no fluxo, ir no ritmo do repouso...

Escrevendo...

A escrita permite divagações... aqueles pensamentos aparentemente sem nexo, perdidos que, de repente, nos passam, nos atravessam e nos fixamos neles e daí

percebemos que faz todo sentido rondarem nosso universo. Deleuze diria, como fluxos, ondas de pensamento... E quando nos deixamos levar pelos pensamentos a nossa escrita fica mais possível, porque ela entra no fluxo do pensamento e se organiza com ele e nosso processo criativo aflora e tudo fica mais fácil.

Porém, pensar, ler e escrever não são movimentos solitários, pois, ainda que estejamos aparentemente sozinhos, nós o produzimos com a ajuda de nossos “intercessores”⁴. Quem são eles? São todos que fazem nosso texto acontecer.

Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas – mas também coisas, plantas, até animais [...] fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmos quando isso não se vê (Deleuze, 1992: 156).

Valéria e eu somos intercessoras uma da outra...

Enquanto eu escrevia a primeira versão do texto, pensava em alguém para partilhar comigo as ideias, os autores e a escrita. E pensei em Valéria, uma boa interlocutora porque ela entra na onda do meu pensamento e da minha escrita e, assim, começa uma conversa. Juntas entramos em outros fluxos... acrescentando uma ideia, outro autor, mais um trecho; propondo deslocamentos de ideias, outra escrita... Assim, este texto diz de uma produção partilhada. Ida e vindas de pensamentos, de leituras, de escritas que remetem a um processo e que, como tal, não é liso e nem linear. E considerando estes movimentos e fluxos que experimentamos no ato de escrever, esta escrita apresenta variações ora em primeira pessoa do singular – quando o singular das experiências prevalece – ora em terceira pessoa do plural – quando nos referimos ao nosso processo. E, assim, seguimos juntas... pensando, lendo, escrevendo e... compondo encontros.

Como docente na Universidade e também juntas nos distintos processos construídos com o grupo de pesquisa, dentro e fora do espaço acadêmico, temos experimentado oficinas de leitura, de estudo e de escrita e, não raras vezes, o imponderável se apresenta, na medida que este é um processo de composição com outros corpos... ler, estudar e escrever resulta de um aprendizado e da produção de encontros com o que é nosso e com o que é do outro. Precisamos experimentar, repetir, repetir e repetir a experiência porque ela produz movimento em nós, ela nos leva com ela e amplia

nossas possibilidades de encontros e relações seja no cenário da universidade, da rua, das artes...

Escrever

Não escrevemos o que sabemos, escrevemos o que ainda não falamos, não expressamos; talvez até o que ainda não pensamos... (Deleuze, 1992, p.11).

Escrever, quase sempre, é mais difícil do que ler. E não raras vezes porque lemos e estudamos pouco a dificuldade aumenta. Ler e estudar é diferente. Estudar é se compor com a autora, o autor; é se envolver, é mergulhar nas ideias deles. E escrever é “fazer com que alguma coisa em mim se mexa, tratar a escrita como um fluxo...” (Deleuze, 1992: 15).

Mas precisamos aprender a ler, a escrever e a pensar. O problema é que na nossa formação formal – escolar e universitária – esse tipo de exercício está perdido...

Dá trabalho aprender... É necessário um movimento de ir “contra a corrente” do não aprender e, ao mesmo tempo, de ir junto com os fluxos, ou os *vetores*, ou ainda as *flechas* para aprender. Não nos querem “sabidos”. Não nos querem pensantes e criativos. Mas à medida que avançamos nesse desafio vamos experimentando outros modos de estar e viver e sentir o que somos e podemos. E esse é um processo de produção de subjetividade, uma estratégia de “cuidado de si” que revela nossa singularidade, que faz aparecer o que nos move na vida.

O “cuidado de si”⁵ (Foucault, 2006) é o cuidado com as nossas relações. E esse cuidado está diretamente vinculado aos nossos processos formativos ao nos remeter à constituição do sujeito da experiência, ao sujeito da ação, ético e político que coloca como questão a sua própria existência. Olhar para essa noção “cuidado de si”, do ponto de vista da formação, nos ajuda a pensar que a experiência desse cuidado, ou o aprimoramento do sujeito da ação, é um movimento imprescindível para a produção da relação consigo e com o outro à medida que exige confiança – fiar junto, fiar com – e construção de vínculo.

E, assim, cuidar do que pensamos, cuidar para ler e estudar, cuidar para escrever é usar o pensamento, a leitura e a escrita como estratégia de apropriação do que

nos acontece e do que produzimos com o outro. E esse movimento vai abrindo espaço para experimentarmos outros estados de presença, de atenção ao que nos passa.

A seguir, convidamos o leitor para uma proposta de leitura que produz escrita. Ela está organizada em 5 leituras do mesmo texto. Sim, a ideia é ler 5 vezes o mesmo texto (um capítulo, um livro). E essa “oficina de leitura e escrita” nos ajuda a perceber e praticar a diferença entre ler e estudar uma obra. Se conseguir chegar até o fim da proposta possivelmente não esquecerá essa experiência. E esta é apenas uma versão, você poderá criar infinitas outras com ela.

1. Escolha uma obra, qualquer... com apenas um critério: que o tema/conteúdo/autora ou autor te encante.
2. Siga o roteiro-convite para as leituras:

Depois da 1ª. leitura, escreva a respeito da/do/das:

- ❖ Assunto, ou tema que trata o livro
- ❖ Questão central, ou do problema que norteia o texto
- ❖ Organização textual, ou de como a autora/o autor organiza as ideias para desenvolver o tema/assunto
- ❖ Ponto de vista da autora/do autor para desenvolver o assunto; ou qual a referência teórico-conceitual que ele utiliza para desenvolver suas ideias
- ❖ Informações que você considera essenciais para caracterizar a questão/o problema central do texto

Leia novamente o mesmo texto (2ª. leitura) e selecione e copie um/uma:

- ❖ Comentário do autor/da autora
- ❖ Explicação
- ❖ Justificativa

- ❖ Exemplo
- ❖ E uma informação complementar

Depois da 3ª. leitura,

Sistematize um resumo do texto, sem copiar trechos do texto.

Depois da 4ª. leitura, procure na biblioteca, ou na internet, artigos, músicas, poesias e outros textos que possam “dialogar” com a autora/o autor que você leu. A ideia é você trazer outras ideias sobre o mesmo tema/conteúdo/questão com intuito de fazer “conversar” os autores/as autoras.

Depois da 5ª e última leitura, reescreva o texto da leitura anterior inserindo um desenho, ou uma ilustração, ou uma anedota, ou um fato que marcou seu dia; é livre, pode inventar; é nesse momento que o seu processo criativo toma conta da sua escrita. Aqui pode tudo!!!

Brincando com as palavras...

Como brincar, usar e cuidar das palavras? Como buscar, eleger, aproximar e compor palavras? Esse é o processo da escrita. E a nossa é apenas uma perspectiva a respeito do pensar, das palavras, da leitura e da escrita.



Figura 1: Gravura de Arnaldo Antunes.



Figura 2: Gravura de Arnaldo Antunes.



Figura 3: Gravura de Arnaldo Antunes.

Arnaldo Antunes é um artista que "brinca" com as palavras usando diferentes linguagens: colagens, letras, fotos e palavras picadas de revistas e jornais, sobreposição de imagens e poemas, e não raras vezes ele se inspira no cotidiano. "É um vocabulário para expressar questões interiores com uma linguagem tirada de coisas da rua. A obra trabalha a simultaneidade de várias camadas de sentido acontecendo ao mesmo tempo", comenta Antunes⁶. E, particularmente, a poesia, "consegue te trazer para outra dimensão, de uma surpresa e de um estranhamento. A poesia consegue resistir ao mundo estandardizado" (Antunes, 2015).

Estilo... é uma noção literária, é uma sintaxe⁷, mas Deleuze se remete aos esportes para desenvolver essa noção:

Fala-se de um estilo nos esportes. A respeito dos esportes existem estudos muito avançados, mas eu os conheço bem poucos; talvez eles se resumam a mostrar que o estilo é o novo. Claro, os esportes apresentam uma escala quantitativa marcada pelos recordes, sustentada pelos aperfeiçoamentos dos aparelhos, o calçado, a vara... Mas também existem mutações qualitativas ou das ideias, que são questão de estilo: como se passou, no salto em altura, da tesoura ao rolamento ventral, ao flop; como o salto na corrida de obstáculos parou de marcar o obstáculo para formar uma pegada mais alongada. (...) Todo novo estilo implica não um 'golpe' novo, mas um encadeamento de posturas, isto é, um equivalente de sintaxe, que se faz

com base num estilo precedente e em ruptura com ele. As melhorias técnicas só têm seu efeito se tomadas e selecionadas num novo estilo, que elas não bastam para determinar. Donde a importância dos ‘inventores’ no esporte, (...) a história do esporte passa por esses inventores, que cada vez constituíam o inesperado, a nova sintaxe, as mutações, e sem os quais os progressos puramente tecnológicos teriam permanecido quantitativos, sem importância nem interesse (Deleuze, 1992:164).

E, em seguida, ele traz o exemplo do tênis de campo fazendo uma brincadeira com a literatura. Ele traz grandes nomes do esporte para dar exemplos das mudanças e invenções de estilo: Borg⁸ “abria o tênis a uma espécie de proletariado”; e McEnroe⁹ trouxe para o esporte “posturas egípcias (seu serviço) e reflexões dos-toievskianas¹⁰ (‘se você passa seu tempo batendo com a cabeça contra a parede de propósito, a vida fica impossível’)”. Para Deleuze, os *best-sellers* do esporte! Sem os quais os avanços tecnológicos (materiais e equipamentos) não teriam o impacto que têm.

E retomamos aqui Bondía porque ele recomenda o exercício da escrita no estilo de ensaio e é um modo de escrever que tem nos interessado bastante porque ele permite, sobretudo para aqueles que iniciam o brincar com as palavras, fugir das regras e armadilhas da escrita academicista, por exemplo: “o ensaio é interessante, porque é um híbrido entre uma linguagem que tem certa vontade de expressar conhecimento, certa vontade de dizer algo, ao mesmo tempo em que não se ajusta à linguagem técnica, dos especialistas, dos funcionários, dos políticos” (Bondía, entrevista de 2013).

O ensaio permite as divagações... aqueles pensamentos aparentemente sem nexos, perdidos que, de repente, nos passam, nos atravessam e nos fixamos neles e daí percebemos que faz todo sentido rondarem nosso universo. Deleuze diria: como fluxos, ondas de pensamento... E quando nos deixamos levar pelos pensamentos a nossa escrita fica mais possível, porque ela entra no fluxo do pensamento e se organiza com ele e nosso processo criativo aflora e tudo fica mais fácil.

Porém, pensar, ler e escrever não são movimentos solitários, pois, ainda que estejamos aparentemente sozinhos, nós o produzimos com a ajuda de nossos “intercessores”. Quem são eles? São todos que fazem nosso texto acontecer.

Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas – mas também coisas, plantas, até animais [...] fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me expressar, e

eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmos quando isso não se vê (Deleuze, 1992: 156).

Valéria e eu somos intercessoras uma da outra...

Enquanto eu escrevia a primeira versão do texto pensava em alguém para partilhar comigo as ideias, os autores e a escrita. E pensei em Valéria, uma boa interlocutora porque ela entra na onda do meu pensamento e da minha escrita e, assim, começa uma conversa... acrescentando uma ideia, outro autor, mais um trecho; propondo deslocamentos de ideias, outra escrita... e, assim, seguimos juntas... lendo, escrevendo, compondo.

E, mais uma vez convidamos a leitora/o leitor a uma experiência de escrita, sem fim...

É... a ideia aqui é você separar umas folhas, ou um caderno e transformá-lo em um “diário”. Existem inúmeras possibilidades para se criar um diário, invente a sua. Tenha por perto, lápis colorido, guache, lápis de cera, canetas coloridas e o que mais considerar estimulante para que se deixe levar para esse experimento.

Abra e comece a escrever sobre:

- ❖ O que faz e gosta de fazer...
- ❖ O que faz e não gosta de fazer...
- ❖ O que precisa fazer e não faz...
- ❖ O que faz e não precisa fazer...
- ❖ Quando está mais “presente” no que faz, quando gosta ou desgosta?
- ❖ E acrescente imagens, desenhos, silêncios...

Experimente fazer esse diário durante 10 minutos do seu dia e da sua noite. Não importa onde esteja. Ande com ele. E, de vez em quando, releia o que escreveu. E continue. Muitas vezes não sabemos o que acontece com nosso corpo, com nossos movimentos. E com o tempo os perdemos... e nesta perda não nos damos conta de

como estamos produzindo encontros com o que é nosso, com o que é do outro... e seguimos sem nos darmos conta de nossas relações.

Temos experimentado com os jovens essa proposta de escrita e, não raras vezes, a brincadeira com os diários produz pistas surpreendentes para mais movimento. Os diários muitas vezes nos levam, nos carregam para cenários inimagináveis. Experimente! Trabalhar com desenhos, humor e aventura, por exemplo, pode despertar em nós experiências que se transformam em acontecimentos na vida.

E aqui cabe destacar a noção “acontecimento”, muito cara a esses autores com os quais estamos conversando... Diz respeito ao momento, ao presente, ao tempo em que algo acontece e que poderia ser entendido como singular. Algo que só podemos viver se estamos “presentes”, em “presença”. Não há como prevê-lo, não cabe perguntar “qual é o sentido do acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido” (Deleuze, 1974: 84). Algo nos acontece quando nos tira do eixo, ou ainda quando percebemos e sentimos o “momento oportuno”. É o “agora ou nunca”...

Um ponto final? Ou reticências...

Pensar, ler e escrever são estratégias que traduzem nossos modos de se colocar em relação.... Colocar-se em relação é descobrir os mistérios dos encontros: encontros com outros corpos... considerando que tudo é corpo: o fogo, sua amiga, a luz, o livro, a cadeira, o mar, a lua, a tela do cinema, tudo o que está ao nosso redor, o que vemos e o que não vemos.

A questão que se coloca é que vivemos um estágio atual de intensa sofisticação das forças de dominação que é característica do mundo globalizado, por meio da qual somos convocados a sermos *sujeitos da conexão* (mantenha-se *on line*, faça a *network*, torne-se “empreendedor de si¹¹”, entre outras demandas). E esses apelos para construirmos cada vez mais conexões não tem nos ajudado a perceber o empobrecimento das nossas relações e da dificuldade em constituirmos encontros que efetivamente nos coloquem em conexão com outros modos de estar no mundo.

Nesse sentido, precisamos nos ater ao sentido e à qualidade dos encontros que produzimos conosco e com os outros. Embora estejamos falando sobre a condição de “dominação” de nossas vidas, como anuncia o filósofo Peter Pelbart, não se trata de pensarmos que estamos condenados ao sofrimento. A questão que merece nossa atenção diz respeito à necessidade de ativação de nossa capacidade de produzir resistên-

cias às distintas formas de assujeitamento que têm prevalecido, justamente porque “todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem-comum” (Pelbart, 2003: 23).

Para além do desamparo, da exclusão e das múltiplas formas de dominação que atravessam nossas vidas é preciso considerar que a resistência talvez passe hoje cada vez mais por uma experimentação de novos espaços e novos tempos e ainda pela invenção de novas formas de cooperação e novas formas de associação, de novos desejos e de novas crenças (Pelbart, 2015). Assim, impõe-se a questão de que a invenção é a potência de todos e de cada um e que cada variação desta, por menor que seja, ao se propagar e ao ser imitada se transforma e pode provocar outras invenções e outras cooperações (Pelbart, 2003).

E para pensarmos sobre outras possibilidades de produção na vida, sugerimos um material visual que compõe com o que escrevemos até aqui:

Intitulado “Diretor de Harmonia”, traz o segundo episódio da série educação.com¹². (Buriti filmes). Conta a história e os sentidos relacionados à Escola Municipal Presidente Campos Salles para a comunidade Heliópolis, localizada no município de São Paulo. https://www.youtube.com/watch?v=SX8n-rYo_W0

Não é fácil escrever e muito menos propor algo que efetivamente possa disparar a leitura e escrita. Todos, de algum modo, estamos presos ao modo “linguagem” e, em muitos sentidos, o aprendizado da língua nos coloca na condição de “dominados” por ela. Isso significa que estamos tão acudados na ausência da experiência da leitura e escrita que esquecemos de que é uma experiência libertadora. Sim, ela pode nos libertar dos distintos modos de opressão que aprendemos com nossos corpos e com nossas formas de expressão.

Sim, esquecemos que fomos alijados da formação que nos conduz para o que somos e também para o que queremos do que somos. E ao esquecer, muitas vezes acreditamos que a leitura e a escrita não nos pertencem.

“Vamos fazer uma experiência?” - a pergunta é uma estratégia de convite: convidá-lo para juntos experimentarmos outras formas de expressar o que nos faz humanos e, ao mesmo tempo, cultuarmos nossos processos inventivos e criativos a fim de também experimentarmos outros modos de viver com dignidade, com sentido e com desafios que deem espaço para projetos comuns e mais vida à vida.

E por qual motivo terminar esse ensaio com outra pergunta? Para lembrar que experimentar ou não pode ser, em última instância, experimentar um encontro com nossas singularidades e com o que deixamos para trás dos nossos desejos e sonhos... respondendo ao sentido de urgência que demandam nossas vidas...

+ REPETIÇÃO¹³ e + DIFERENÇA...

Repetição: não como a automatização do viver

Diferença: não como aquilo que elimina a singularidade do existir

REPETIÇÃO e DIFERENÇA, sim...

como atos que nos ajudam a produzir mundos possíveis

que...

nos ajudam a alcançar o que mais importa

o que temos em comum...

Referências

- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. 7ª ed. 1992, p. 151 a 168.
- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva; 1974.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é Filosofia*. São Paulo: Editora 34, 7ª ed., 2010. p.60-73.
- BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr, no. 19, 2002.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PELBART, P.P. Poder sobre a vida, potências da vida. In: *Vida Capital – ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PELBART, P.P. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, supl.1, p.19-26, 2015.
- DE VRIES, P. [ThinkExist.com](http://thinkexist.com/i_write_when_i_m_inspired-and_i_see_to_it_that_i/186988.html). Disponível em : http://thinkexist.com/i_write_when_i_m_inspired-and_i_see_to_it_that_i/186988.html.

Profa. Dra. Yara Maria de Carvalho
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
E-mail: yaramc@usp.br

Doutoranda Valéria Monteiro Mendes
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

¹ Jorge Larrosa Bondía, espanhol, professor da Universidade de Barcelona, escreve, entre outras coisas, sobre os processos de formação: *La experiencia de la lectura. Estudios sobre literatura y formación* (Laertes 1996, 3ª edición revisada y aumentada en F.C.E. 2003); *Pedagogía Profana. Ensayos sobre lenguaje, subjetividad y educación* (Novedades Educativas y Auténtica editora 2000) e *Entre las lenguas. Lenguaje y educación después de Babel* (Laertes y Auténtica editora 2003).

² O texto Notas sobre a experiência e o saber da experiência foi escrito por ocasião de uma Conferência de Larrosa proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001 por Leituras SME e publicado na *Revista Brasileira de Educação*.

³ Deleuze e Guattari. *O que é Filosofia?* p.60. 2010.

⁴ Intercessores, um conceito que diz de tudo aquilo que mobiliza nosso pensamento, o pensamento inventivo, criativo, potente, ou ainda o pensamento que produz mais movimento.

⁵ Para aprofundamento do tema, sugerimos a leitura do livro *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982), de FOUCAULT, Michel. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁶ Entrevista concedida para Mariana Marinho, repórter da Folha de S.Paulo, em 08/07/2015.

⁷ A expressão sintaxe tem quatro sinônimos: 1. (Gramática; Linguística) Área da gramática que se dedica à observação e descrição das relações que os vocábulos constroem, uns com os outros, dentro de uma oração; 2. Aglomerado de regras e normas sintáticas pertencente a uma determinada era, ou a um autor em específico, entre outros; 3. Conjunto de normas que estruturam qualquer gênero de linguagem; e 4. Organização equilibrada de partes ou componentes. (Etm. do grego: syntaxis; do latim: syntaxe).

⁸ Björn Rune Borg é um ex-tenista profissional sueco que foi N° 1 do mundo, entre 1974 e 1981, em simples. Björn Borg nasceu em Estocolmo e cresceu na cidade de Södertälje, na Suécia.

⁹ John Patrick McEnroe Jr. é um ex-tenista profissional norte-americano que chegou a ser o número um do mundo, entre 1981 e 1984, tornando-se famoso pelas suas partidas épicas.

¹⁰ Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, nasceu em 11 de novembro de 1821 em São Petersburgo. Às vezes grafado como Dostoievsky, foi um escritor e filósofo russo, considerado um dos maiores romancistas da história e um dos mais inovadores artistas de todos os tempos.

¹¹ Sugerimos a leitura de Post-Scriptum, de Deleuze, do texto *Conversações* (p.223-230).

¹² Disponível em Buriti filmes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SX8n-rYo_W0.

¹³ O que anunciamos de modo breve no encerramento deste texto mantém relação com o pensamento de Deleuze na obra *Diferença e Repetição* que resulta de sua tese de doutoramento realizada em 1968 (ORLANDI, L. B. L.; MACHADO, R. Diferença e repetição. São Paulo: Graal, 1988).